



SELECÇÃO OFICIAL
UN CERTAIN REGARD
FESTIVAL DE CANNES



VENCEDOR
MAR DE PLATA FILM FESTIVAL
MELHOR ACTRIZ



VENCEDOR
LEEDS INTER. FILM FESTIVAL
MELHOR FILME



NEW YORK
FILM FESTIVAL
SELECÇÃO OFICIAL

Terça, depois do Natal

um filme de Radu Muntean

MULTIMEDIA EST APRESENTA TERÇA, DEPOIS DO NATAL. ARGUMENTO RADU MUNTEAN ALEXANDRU BACIU RĂZVAN RĂDULESCU
REALIZAÇÃO RADU MUNTEAN COM MIMI BRĂNESCU MIRELA OPRISOR MARIA POPIȘTAȘU SAȘA PAUL-SZEL DRAGOȘ BUCUR
VICTOR REBENGÎC DANA DEMBINSKI SILVIA NĂSTĂSE CARMEN LOPĂȘAN ADRIAN VĂNCICĂ IDANA BĂLAJ
DIRECÇÃO DE FOTOGRAFIA TUDOR LUCĂCIU DIRECÇÃO ARTÍSTICA SORINDIMA GUARDA-ROBUȘ GIORGIANA BOSTAN EDIÇÃO ALEXANDRU RADU
SONO ELECTRIC BROTHER PRODUÇÃO DRAGOȘ POTOP PRODUÇÃO EXECUTIVA DRAGOȘ VÎLCU DISTRIBUIÇÃO CLAP FILMES

WWW.CLAPFILMES.IT

clap filmes



FILMS *illegible*

TERÇA, DEPOIS DO NATAL

Um filme de Radu Muntean

Festival Internacional de Cannes – Un Certain Regard

New York Film Festival – Seleção Oficial

Mar del Plata Film Festival – Prémio Melhor Actriz

Leeds International Film Festival – Melhor Filme

2010, Roménia, 99 min, 2.35:1

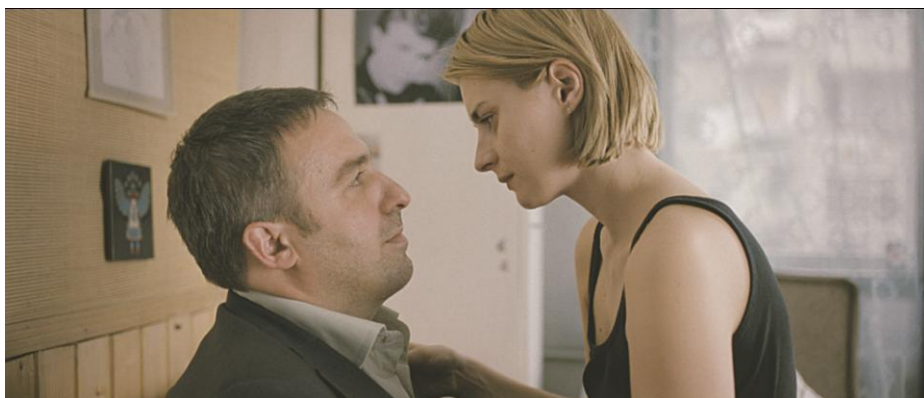


SINOPSE

Paul está casado com Adriana há 10 anos. Têm uma filha, um carro, um apartamento e parecem continuar apaixonados.

Paul tem também um caso com Raluca, uma dentista de 27 anos, que conheceu há 6 meses.

Paul ama as duas mulheres, mas quando ambas se encontram por acaso, ele é obrigado a tomar uma decisão.



RADU MUNTEAN



Radu Muntean é um dos mais aclamados jovens realizadores da Roménia. Licenciou-se em 1994 na Universidade de Teatro e Cinema, em Bucareste, e começou por afirmar o seu nome na área da Publicidade, onde realizou mais de 400 anúncios e venceu mais de 40 prémios, inclusivamente internacionalmente.

A sua primeira longa-metragem foi “Furia” (2002), a qual se seguiram “The Paper Will be Blue” (2006) e “Boogie” (2008), que marcou presença na Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes.

FILMOGRAFIA

FURIA (The Rage, 2002)

HÎRTIA VAI FI ALBASTRA (The Paper Will be Blue, 2006)

- Selecção Oficial – Festival Internacional de Cinema de Locarno

BOOGIE (Summer Holiday, 2008)

- Quinzena dos Realizadores – Festival de Cannes

TERÇA, DEPOIS DO NATAL (Marti, Dupa Craciun, 2010)

- Selecção Oficial - Festival de Cannes – Un Certain Regard
- New York Film Festival

COMENTÁRIO DO REALIZADOR

Tentei transportar para o filme a sensação *voyeurista* que se pode ter quando espreitamos para o interior das casas de outras pessoas, ou quando entramos na cozinha ou no quarto de um casal. A intimidade conjugal consegue ser mais cativante do que um bom filme de acção.

Não se trata de um filme sobre culpa. É um filme sobre escolhas. Sobre uma encruzilhada na vida, quando se sente que é possível controlar o seu próprio destino. Quando se está no ponto mais vulnerável e se apercebe que se detém o poder para imprimir uma mudança na vida.

A decisão de Paul não é racional. Ele decide amputar uma fracção que fazia parte da sua vida até aquele momento, para sobreviver moralmente.

ENTREVISTA A RADU MUNTEAN

A cena inicial do filme mostra-nos as personagens, Paul e a sua amante Raluca, nus na cama, sorrindo. É uma cena muito sensual e franca, estabelecendo desde logo o tom realista do filme. Porque decidiu dar aos espectadores esta comovente primeira impressão?

Não quisemos ser sensuais. O objectivo era ser intimista e mostrar como, de alguma forma, eles estão felizes juntos. As personagens já passaram a fase da paixão.

Gosto do facto de existir uma familiaridade entre as personagens – especialmente na forma como Paul lida com Raluca. Foi difícil filmar isso?

A mulher de Mimi [Mirela Oprisor, que interpreta Adriana, a mulher de Paul, no filme] não estava na rodagem – isso é certo! O marido da Maria é um dos argumentistas, por isso também não estava nas filmagens. Não foi fácil, como pode imaginar. Filmámos a cena no início, caso contrário a pressão seria insuportável. Quis filmar tudo por ordem cronológica, para controlar as emoções das personagens e a sua evolução. Ensaíamos muito. Ou então os actores estariam sempre a pensar nesta cena enquanto estivessem a filmar outra qualquer.

Foi arriscado ter protagonistas que são casados na vida real a interpretar um casal?

Não foi planeado. Inicialmente, não planeei escolher Mirela [Oprisor] para interpretar Adriana. Mas ela era a melhor actriz para o papel. Para mim, ela tem uma forma de controlar a emoção da personagem. Não foi muito relevante o facto de eles serem casados. Percebi a certa altura que alguma da sua intimidade poderia transpor-se para o filme, e isso foi bom.

Porque acha que a personagem de Mimi Branescu é tão afável?

Acredito que é assim devido à condição humana da sua personagem. Essa inquietação que está no interior de todos e que, de certa forma, nos faz avançar, mas não nos permite ser felizes. Se queremos mesmo algo na vida, mal o conseguimos alcançar, como acontece com Paul, passamos imediatamente a desejar outra coisa. É esse tipo de inquietação que está no centro do filme.



Qual é, na sua perspectiva, a relevância desta história?

Julgo que é uma questão geracional. A intimidade começou a interessar-me muito. Aquilo que acontece na intimidade das pessoas é muito mais interessante do que um filme de acção. O ponto de partida do filme foi o amor deste homem por duas mulheres. Para mim, o protagonista não pôs um ponto final na sua relação com a esposa. Ainda existe qualquer coisa. É por isso que é difícil e doloroso pô-lo numa situação na qual não existe uma boa escolha. [entre Adriana e Raluca]; e que é, de qualquer das formas, penosa.

Retrata muito bem o ritmo de vida de casados, conseguindo habilidosamente intercalá-lo, com o caso extra conjugal de Paul. Tratou-se de uma estrutura narrativa deliberada?

Não dessa forma, mas estes foram 10 dias na vida de Paul, imediatamente antes do Natal. Quis mostrar que estas duas mulheres faziam parte da vida dele. Como se ele estivesse casado com as duas ao mesmo tempo. Quis vê-lo nas duas situações.

Optou por filmar a história com planos muito longos e quase sem nenhum movimento de câmara...

Era importante para mim ser o mais invisível que conseguisse. Não quero que o espectador se concentre no que estou a fazer, mas sim no filme. Quis dar a ideia de que o Paul estava a construir a sua própria história; é a forma mais directa de contar uma história íntima e de torná-la pessoal também para o público. É esse o meu objectivo. Quero que o filme se insinue na cabeça do espectador por si só. Claro que estou a manipular as coisas mas não quero dar a impressão de que o estou a fazer. É por isso que a câmara não é uma personagem. Não está a seguir as personagens; não está a agir como se tivesse uma personalidade. É um pouco voyeurista, provavelmente, mas foi assim que planeei.

Como é a sua colaboração com os co-argumentistas?

É o meu terceiro filme com eles. Somos bons amigos, e temos praticamente o mesmo gosto cinematográfico. Trabalhámos durante vários meses na sinopse. Tive uma ideia e começámos a desenvolver as personagens e as suas motivações. Depois dividimo-nos e cada um escreveu parte da história. Discutimos entre nós, fizemos pequenos ajustes, juntámos tudo até termos o primeiro esboço da história. Fizemos mais alguns ajustes depois dos ensaios, depois de ver como os diálogos soavam ditos pelos actores. Parece simples, mas nem sempre é fácil de sincronizar, principalmente quando estamos a tratar uma história tão pessoal. Cada um de nós

tem experiências de vida diferentes e relacionamo-nos de forma distinta com a elaboração do argumento.

O filme parece tão autêntico, pergunto-me se os actores improvisaram alguma coisa?

Nada! Ensaiámos muito. Ao longo de todo o filme não existiu nenhuma improvisação. Acrescentámos até 20 palavras depois dos ensaios.

SLANT MAGAZINE

THE NEW YORK TIMES

Um Caso de Realismo Romeno: Um Homem comum, com uma mulher e uma amante.

Com cerca de quarenta anos, barriga proeminente, ombros redondos e cabelo grisalho, Paul (Mimi Branescu), o romeno de classe média que aparece em todos os planos do filme de Radu Muntean, já ultrapassou há 10 anos o pico do seu encanto. Mas ainda tem algumas qualidades, entre elas um humor inato, uma ética de trabalho decente e um complacente, ainda que por vezes brusco, carácter.

Ele é, em última instância, um tipo razoavelmente banal apanhado num drama que é igualmente trivial e inteiramente da sua responsabilidade. Vive num apartamento simpático em Bucareste com a sua mulher, Adriana (Mirela Oprisor) e a filha de ambos Mara. Tem ainda um caso amoroso com Raluca (Maria Popistasu), a jovem dentista que trata da saúde dentária de Mara.

Radu Muntean, que escreveu o argumento com Alexandru Baciu e Razvan Radulescu, trata a profissão de Raluca quer como um facto mundano quer como uma piada discreta ou uma associação romântica ou melodramática, relacionada com o tema do adultério. Não quer isto dizer que o filme aligeire o potencial e as consequências daquilo que Paul está a fazer. Não há atenuação de emoções fortes, dolorosas ou complicadas, combinadas com um lado de comédia franca e perspicaz; mas sim a recusa de qualquer sugestão de embelezamento excessivo, ou optimismo exacerbado. A força de TERÇA, DEPOIS DO NATAL, a quarta longa-metragem de Muntean, está na sua rigorosa, engenhosa e humana fidelidade às circunstâncias quotidianas.

“Realismo” e “Minimalismo” – os termos habitualmente usados para descrever os filmes crus e austeros que têm vindo da Roménia na última década – parecem ao mesmo tempo óbvios e inadequados quando aplicados ao trabalho de Muntean. Tal como nos seus filmes mais recentes, “The Paper Will be Blue” (2006) e “Boogie” (2008), TERÇA, DEPOIS DO NATAL delinea, sem remorsos e com uma complacente claridade, o comportamento de um homem que é ao mesmo tempo voluntarioso e passivo.

A sua economia formal é admirável e subtil. O filme consiste em pouco mais de uma dúzia de planos, com a câmara a mover-se apenas quando o tem de fazer. Mas nada de essencial se perde, e a história, aparentemente, simples torna-se complexa. Este é o realismo de um Raio-X ou de uma radiografia da boca de Mara que Raluca mostra a Paul e Adriana. A câmara descortina verdades que estão vulgarmente escondidas e que, uma vez reveladas, se abrem interminável e agonizantemente à interpretação.

TERÇA, DEPOIS DO NATAL pode parecer, em certos momentos, uma invasão desconfortável do interior da intimidade de outras pessoas. A cena inicial mostra um momento de nudez e de languidez pós-coital, mas a nossa presença no quarto é, de certa forma, menos voyeurista do que nas cenas que a sucedem.

Assistir ao colapso de uma década de confiança familiaridade, em tempo real, é mais transgressor do que testemunhar alguns minutos de êxtase erótico. Branescu e Oprisor, actores de invulgar instinto e precisão, são um casal na vida real, o que ajuda a explicar o fácil e quase inconsciente entendimento que existe entre Paul e Adriana, mesmo quando a sua relação implode.

Mas mesmo cenas que parecem ser acidentais são conduzidas com uma atenção meticulosa às submersas correntes emocionais e às patentes ironias. Nada é deixado ao acaso, ainda que também nada seja apresentado de forma explícita: Assim ao seguirmos Paul nas ruas rotinas, inteiramo-nos de toda a sua natureza, as suas circunstâncias e as das pessoas que o rodeiam. A sua exaltação afectuosa com os pais, a sua obstinada amabilidade durante um frio encontro com a mãe de Raluca, a sua irritante insistência em comportar-se como uma boa pessoa mesmo nos seus momentos mais baixos – tudo isto se reúne num retrato implacável e pouco lisonjeiro, mas que nunca chega a ser maldoso.

E de certa forma TERÇA, DEPOIS DO NATAL é brutalmente honesto mas não gratuitamente cruel. Não manipula o público para o julgamento, para a piedade nem para a curiosidade devassa. Fica-se pelos factos e circunscreve a sua acção ao espaço de uma semana, contando uma parte de uma história muito maior.

Paul está envolvido com Raluca há alguns meses quando o filme começa e quando chegamos ao seu silencioso e devastador plano final, o dia especificado no título ainda permanece no futuro. Mas já vimos tudo e fomos tão absorvidos na contemplação da imperfeição humana que talvez seja necessário um segundo visionamento para apreciar a mestria deste filme.

A.O. SCOTT

LE MONDE

TERÇA, DEPOIS DO NATAL: a observação voyeurista de um casal em crise

Filmar a banalidade de uma cena da vida conjugal é um desafio para qualquer cineasta, sobretudo depois de Ingmar Bergman tê-lo tornado, tão brilhantemente, num dos seus exercícios predilectos. A forma como Radu Muntean se encontra preso a esta perigosa figura impõe respeito: o realizador adopta o método dos seus camaradas da Nova Vaga romena expondo impiedosamente a sociedade e servindo-se do mesmo realismo trivial, intercalado por cáusticos rasgos repressivos, de Ceaucescu. Mas com o objectivo de dissecar o íntimo, de autopsiar a vida de um casal. E sem nunca recorrer às reviravoltas que poderiam transformar a sua sátira do quotidiano em algo de absurdo ou grotesco.

O filme é composto por algumas longas cenas, filmadas em planos-sequência e de câmara fixa. O cineasta não procura tomar partido por uma ou outra personagem, sendo o mais discreto, quase ausente, voyeur daquilo que quer observar: uma ruptura. Paul é casado com Adriana há mais de 10 anos, têm uma filha, um carro, um apartamento, uma relação cúmplice. Mas Paul apaixona-se por Raluca, uma jovem dentista de 27 anos que conheceu seis meses antes, e decide deixar a sua mulher para ficar com ela.

Momentos de Vertigem

O filme alinha os passos esperados do calvário: o casal adúltero na cama, o encontro inesperado das duas mulheres, a intimidade conjugal constrangedora, a violência da admissão, a estupefacção, as acusações, a chantagem.

O tom é seco, cortante, sem dramatismos. O filme concentra-se, durante a segunda parte, no casal desfeito, na crónica emocionalmente perturbadora de uma história de amor súbita e brutalmente destruída, no violento tumulto que é para a vida dela e no penoso remorso que é para ele. Instantes de vertigem, onde cada um deles parece não ser capaz de controlar a sua vida. Radu Muntean não apresenta nenhum julgamento moral; ele observa, destila uma atmosfera de desastre. O seu filme deixa um sabor amargo. É esse o objectivo.

Jean-Luc Douin

FICHA ARTÍSTICA

Mimi Branescu – Paul Hanganu

Mirela Oprisor – Adriana Hanganu

Maria Popistasu – Raluca

Sasa Paul-Szel – Mara Hanganu

Dragoș Bucur – Cristi

Victor Rebengiuc – Nucu

Dana Dembinski – Mãe de Raluca

Silvia Năstase – Ica

Carmen Lopăzan – Cosmina

Adrian Văncică – Mircea Dumbrăveanu

Ioana Blaj – Narcisa

FICHA TÉCNICA

Realização – Radu Muntean

Argumento – Alexandra Baciu, Răzvan Rădulescu e Radu Muntean

Produção - Dragos Vilcu

Fotografia - Tudor Lucaciu

Montagem - Alexandru Radu

Som - Electric Brother

2010, Roménia, 99 min, 2.35:1